

Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19

Spirituality and meaning of life in the context of COVID-19 pandemic

Thiago Antonio Avellar de Aquino¹
Valquíria Gonçalves de Oliveira²

Resumo

O objetivo deste trabalho foi compreender a relevância da espiritualidade e do sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19. Para tanto, revisou-se a perspectiva da espiritualidade sob a ótica de Viktor Frankl e discorreu-se sobre a sua perspectiva na prática de uma logoterapeuta. Os resultados apontam para a importância da espiritualidade – seja para a perspectiva do paciente, seja para a perspectiva dos profissionais de saúde. A atual epidemia evoca questões acerca do sentido da vida e do sentido da morte. Ademais, torna-se uma oportunidade para uma descoberta de valores humanos e universais, como a solidariedade, a amizade, a compaixão e a partilha de coisas materiais e espirituais, a fé, a oração, o valor do sofrimento, do trabalho, da criatividade e do amor. Concluiu-se que a espiritualidade e o sentido da vida podem ser elementos transformadores do homem e do mundo.

Palavras-chave

Espiritualidade. Sentido da vida. Pandemia.

Abstract

The objective of this work was to understand the relevance of spirituality and the meaning of life in the context of the COVID-19 pandemic. To this end, the perspective of spirituality was revised under the optics of Viktor Frankl, and his perspective on the practice of a logotherapist was discussed. The results point to the importance of spirituality – either from the perspective of the patient, or from the perspective of health professionals. The current epidemic raises questions about the meaning of life and the meaning of death. Furthermore, it becomes an opportunity for discovering human and universal values, such as solidarity, friendship, compassion and the sharing of material and spiritual things, faith, prayer, the value of suffering, work, creativity and love. It was concluded that spirituality and the meaning of life can be transforming elements of men and the world.

Keywords

Spirituality. Meaning of life. Pandemic.

¹ Doutor e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharel em Psicologia pela UFPB. Professor associado do Departamento de Ciências das Religiões da UFPB. Contato: thiagoaquino19.ta@gmail.com

² Especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela Sociedade Brasileira de Logoterapia (SOBRAL) e pelo Ausbildungsinstitut für Logotherapie und Existenzanalyse (ABILE) e em Psicotraumatologia pelo Centro di Studi e Ricerche EMDR. Bacharel e licenciada em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Contato: v.oliveira@gmx.net

INTRODUÇÃO

A vida não tem lógica, tem sentido, mas o que é o sentido? Certamente não é aquilo que fugazmente se fabrica, mas o que identificamos por nos tocar por dentro e faz despertar as energias que nos move em direção de mais vida e significados. Confirma-se por produzir experiências de harmonia que sentimos ser eterna. Nos fortalece e impulsiona-nos gratuitamente em direção às necessidades do outro e do mundo, numa ânsia incansável de nos sentirmos úteis, pois sentimos nas vísceras nossa incompletude que se preenche com a presença e a entrega ao outro, de preferência aliviando-lhe a dor e resgatando-lhe a esperança (Aluísio Lopes de Brito, 2020).³

Considera-se que a COVID-19, comparada a MERS-CoV e SARS-CoV, possui alta transmissibilidade, mas baixa patogenicidade, podendo essa variar de leve e assintomática a casos graves e fatais (MUNSTER *et al.*, 2020). No que tange aos casos graves e fatais, esses estão geralmente associados a problemas de saúde subjacentes, tais como doença pulmonar crônica, doenças cardiovasculares e diabetes mellitus.⁴

Além dos impactos para a saúde física, autores como Pfefferbaum e North (2020) alertam para as implicações dessa patogenia para a saúde individual e coletiva no que se refere ao funcionamento emocional e social. A epidemia de COVID-19 revelou, por um lado, um aumento no estado de ansiedade e, por outro, uma oportunidade para aprofundar a fé religiosa ou um relacionamento pessoal com Deus (KOENIG, 2020). Ademais, constatou-se um impacto significativo nas práticas de rituais de luto, decorrente da impossibilidade de conexão do indivíduo com o falecido antes e depois da morte (MAYLAND *et al.*, 2020). Diante desse cenário de isolamento que afasta a convivência entre doentes e familiares, autores como Silva *et al.* (2020) defendem a assistência espiritual no contexto da UTI, inserindo a dimensão espiritual para dar suporte à perda por meio de intervenções terapêuticas que respeitam e permitem emergir as convicções e crenças religiosas dos pacientes e familiares.

Dessa forma, seria possível aventar que a religiosidade/espiritualidade poderia ser compreendida como recurso de enfrentamento à epidemia que se instala de forma avassaladora (SCORSOLONI-COMIN *et al.*, 2020). Outrossim, a vida no contexto de tantas mortes e sofrimentos impostos pela epidemia ainda clama uma pergunta, conforme alerta Kröeff (2020): “O objetivo principal propugnado para este momento de nossa história é sobreviver. Mas a pergunta seguinte é mais significativa e impactante: sobreviver para quê?”. Indubitavelmente, esse questionamento seria profundamente humano e, logo, também espiritual, pois aponta para o questionamento existencial acerca do sentido da vida.

³ Aula proferida em 19 de setembro de 2020 no curso de especialização em Logoterapia da UNILIFE Sistema de Ensino. Faleceu em decorrência da COVID-19 em 18 de novembro de 2020.

⁴ CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION COVID-19. Preliminary estimates of the prevalence of selected underlying health conditions among patients with coronavirus Disease 2019. United States – February 12-March 28, 2020. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, Atlanta, v. 69, n. 13, p. 382-386, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/pdfs/mm6913e2-H.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2020.

Levando em consideração as relações imbricadas entre a espiritualidade e a saúde, a pergunta norteadora do presente artigo foi: Qual a relevância da espiritualidade e do sentido da vida no contexto da epidemia do coronavírus? Para responder tal questionamento, primeiramente, aborda-se a espiritualidade como busca de sentido na perspectiva de Viktor Frankl. Num segundo momento, analisa-se a experiência de uma logoterapeuta em relação a sua vivência durante a epidemia. Por fim, apontam-se as principais contribuições desse autor para o enfrentamento da epidemia.

1 LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL: ESPIRITUALIDADE COMO BUSCA DE SENTIDO

A questão do sentido da vida foi posta à baila, no âmbito da psicoterapia, pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl. O autor compreendeu que a vontade de sentido seria a motivação primária do ser humano. Essa busca ocorre tanto nos aspectos positivos da vida quanto nas circunstâncias trágicas da existência. Ademais, ter a consciência do sentido habilitaria o ser humano a suportar um sofrimento imutável, bem como seria uma condição necessária para a sua sobrevivência; em outras palavras, o autor em foco aventou que o sentido teria um valor de sobrevivência (FRANKL, 2008).

Sua teoria foi validada vivencialmente pelo próprio autor em campos de concentração nazistas, como um prisioneiro comum sob o número 119.104. Em uma situação limite, constatou que aquele que tem um para quê viver, acessaria um recurso interno que foi denominado “poder de resistência do espírito” e, por conseguinte, conseguiria dizer sim à vida apesar das condições negativas impostas por determinadas situações (FRANKL, 1989a, p. 125).

Essa perspectiva teórica e prática foi denominada logoterapia e análise existencial, ou seja, uma forma de psicoterapia centrada no sentido da existência. O *logos*, nessa acepção, significa tanto sentido quanto espiritual. Assim, em sua práxis, essa abordagem se dirige para a pessoa espiritual, ou seja, para o especificamente humano (FRANKL, 2011).

Seu arcabouço teórico é constituído por três corolários básicos: uma visão antropológica, derivada da liberdade da vontade, uma ciência de cura, resultante da vontade de sentido, e uma compreensão filosófica, precedida do conceito de sentido da vida.

No que concerne à dimensão da liberdade humana, o autor do sentido compreende que o ser humano não seria livre de condições externas e internas, mas livre para se posicionar perante o que o condiciona. Dessa forma, conclui que:

A liberdade do homem não é, evidentemente, uma liberdade em relação a condições, que elas sejam biológicas, psicológicas ou sociológicas; e sobretudo, não é uma liberdade de algo, mas sim uma liberdade para algo, a saber: a liberdade para uma tomada de posição perante todas as condições. (FRANKL, 1989a, p. 4).

A liberdade se constitui a partir do movimento do espiritual no ser humano, nas palavras do autor, “a liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido” (FRANKL, 2008, p. 89). Por conseguinte, considera-se que, sem a liberdade da vontade, não emergiria a preocupação humana em relação ao sentido na vida, ou seja, a vontade de sentido.

A vontade, nessa perspectiva, não significa um voluntarismo. O fenômeno da vontade de realizar um sentido na vida emerge à medida em que o ser humano capta, na sua relação com o mundo, valores e sentidos que são apreendidos nas vivências existenciais. Para tanto, compreende-se o ser como aberto para algo ou alguém no mundo, fenômeno denominado de autotranscendência.

Por estar voltado para além de si mesmo, o ser humano encontra sentido nas condições do *homo amans* (vivenciar algo ou alguém) e do *homo faber* (criar algo para o mundo). Por se confrontar consigo mesmo, também descobriria sentido na condição do *homo patiens* (ao se posicionar perante uma situação imutável que imprime sofrimento). Dessa forma, pode-se concluir que o sentido seria incondicional, posto que, em qualquer situação, o ser humano é capaz de encontrar uma possibilidade que configure um significado para o seu existir no mundo (FRANKL, 2011).

Se, por um lado, o ser humano busca um sentido para a sua vida, por outro, há um sentido a ser descoberto? Há um sentido incondicional na existência? Essas são as perguntas decorrentes da terceira coluna: o sentido da vida. Para Frankl, o sentido estaria latente em cada situação e se modificaria em um movimento de impermanência por se configurar, também, um caráter pessoal e situacional. Cada pessoa é única assim como cada situação é particular.

Quando o ser humano, por uma dificuldade interna, não consegue perceber o sentido latente nas situações, ele pode ter uma fé no sentido ou cair no vazio existencial. Em todo caso, a logoterapia defende que, mesmo desconhecido, a pessoa humana teria uma sensação de que há um sentido na vida de forma incondicional, até mesmo no sofrimento e em situações trágicas. Frankl (1989b) comparou a plenitude de uma vida humana vivida como a colheita que é colocada dentro de um celeiro. Ele recomendou que substituíssemos o pesar sobre os grãos já colhidos do campo da nossa vida pela satisfação sobre esta colheita feita, que já não pode ser destruída pela morte. “Daqui decorre que a transitoriedade da nossa existência contém o imperativo de trazer uma colheita tão boa quanto possível, uma vez que esta é imperecível” (LUKAS, WURZEL, 2020, p. 35). Dessa forma, compreende-se que o passado é uma dimensão indelével da existência humana (FRANKL, 1989a).

1.1 Logoterapia e religião

No prefácio do livro *A busca de Deus e questionamento sobre o sentido*, Frankl e Lapide consideram que a ciência e a fé são caminhos que buscam a verdade, e constataam que “uma verdade não pode jamais contradizer outra verdade” (FRANKL; LAPIDE, 2013, p. 58).

Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19

Embora nos tempos atuais a religiosidade tenha enfraquecido, o homem, ainda assim, inconscientemente permanece religioso. Em outras palavras, “o homem é em seu inconsciente muito mais religioso do que supõe o seu consciente” (FRANKL; LAPIDE, 2013, p. 59).

Para Frankl (1992), o homem religioso considera a possibilidade da existência do suprasentido (*Übersinn*), por conseguinte, a fé significa também a fé em um sentido incondicional, posto que o *logos* é mais profundo que a própria razão. Assim, assevera o autor: “A meu ver um dos rasgos essenciais do *homo religiosus*: aquele homem em cujo ser-consciente e ser-responsável se dão conjuntamente a missão vital e o mandante que lhe confere” (FRANKL, 1989a, p. 95).

Nessa busca pelo sentido último da vida, o *homo patiens* pode se ancorar em um sentido até mesmo quando em uma situação de fracasso, dessa forma, “a logoterapia pode – com justiça – ser considerada otimista, por mostrar ao paciente como transformar o desespero em triunfo humano” (FRANKL, 2011, p. 10). Nessa perspectiva, no tópico a seguir, será discutida essa ligação entre a teoria com a práxis no contexto da epidemia do COVID-19.

2 EXPERIÊNCIAS COM PACIENTES COM COVID-19: RELATOS DE UMA LOGOTERAPEUTA EM VIENA

Nesse tópico, iniciam-se os relatos da experiência clínica da primeira autora do presente manuscrito, o que demonstra como a logoterapia e a análise existencial podem ser aplicadas no contexto da COVID-19.

Um paciente médico me telefona bem tarde da noite e diz:

Estou acompanhando mais mortes que vidas. Chegou a hora de acreditar mais do que nunca no valor do sofrimento. Tenho substituído parentes e familiares de pacientes que estão no isolamento e descubro que somos irmãos de uma certa forma, talvez a mais verdadeira (sic).⁵

Nesse momento, lembrei-me de uma famosa frase de Frankl no livro *Psicoterapia para todos*, no capítulo sobre o amor:

Amar significa poder dizer “tu” a alguém. E não significa apenas poder dizer “tu” a uma pessoa, mas ainda dizer “sim” a ela: portanto, não somente ocupar-se dela em sua essência, em sua singularidade e unicidade, mas reconhecê-la em seu valor intrínseco. Ver um ser humano, não apenas em seu ser-assim-e-não-de-outro-modo, mas acima de tudo, ver o seu poder-ser e o seu dever-ser. Vale afirmar: não vê-lo só como efetivamente é, mas ainda como possa vir a ser e deva ser (FRANKL, 1989a, p. 78).

⁵ Palavras de Eugenio Ferri em 21 de março 2020; médico italiano especialista em reumatologia e cirurgia geral. Trabalhou de 1990 a 2000 como cirurgião no Hospital Saint Elisabeth em Leipzig, Alemanha. Entre 2003 a 2011 realizou 15 missões em Camarões e no Congo, África. De 2013 a 2015 foi responsável pelo Departamento de Cirurgia de Fontem nos Camarões. Desde 2015, foi cirurgião laparoscópico no Hospital SMN em Reggio Emilia, Itália. Desde 2007, cirurgião no Hospital Guglielmo da Saliceto, em Piacenza, Itália, quando positivou ao coronavírus durante a pandemia. Recuperou-se e, atualmente, desde setembro 2020, trabalha como cirurgião no Hospital em Lubumbashi, Congo, África.

Parece um paradoxo: ver um ser humano que se apaga, e exatamente neste momento ver o seu poder-ser e o seu dever-ser, dizer “sim” àquela pessoa neste momento, o que significa? E no telefone escuto: “eu pego na mão deles e rezo, eu agradeço pela vida que viveram mesmo se não os conheço” (sic).⁶ Esta atitude profundamente humana era para mim a resposta.

Uma jovem mãe de três filhos, italiana, colega psicóloga e também bióloga, me escreve: “Meu pai acaba de falecer no hospital e também um casal nosso vizinho, o coronavírus não conhece fronteiras, minha mãe está sozinha em casa e não posso vê-la nem abraça-la” (sic).⁷ E, dentro de mim, vem a poesia de Elisabeth Lukas e Michael M. Eberle em Tudo tem seu sentido – reflexões logoterapêuticas:

“Até que ponto sou livre?” – pergunta o homem ao seu criador –. “Não posso despojar-me do meu corpo, não posso renegar minhas origens, não posso fugir do meu ambiente, não posso escapar do meu tempo”. “Tu não és livre de tuas condições” – responde Ele –, “[...], porém, tu és livre para te posicionares diante de teus condicionamentos. E isto é muito além do que jamais concedi”. (LUKAS, EBERLE, 1993, p. 13).

Diante do inesperado que a perda de uma pessoa querida provoca, é necessário esperança e apoio, é preciso também compartilhar como podemos constatar no diálogo seguinte:

Terapeuta – E se seu pai tivesse dito algo para você antes de morrer, o que seria?
Paciente – Ele diria: chegou o meu momento, fique em paz, viva o melhor que puder, eu continuarei a estar perto de vocês!
Terapeuta – Se ele lhe dissesse isso, é sinal de que?
Paciente – Que ele está dentro do meu coração...
Terapeuta – Mas ele estava sozinho lá no hospital e você em casa, e sua mãe na casa dela!
Paciente – Não! Ele estava e continua a estar no meu coração, agora mais do que nunca estamos juntos...
Terapeuta – O que comprova isso?
Paciente – É a fé, aquela fé que ele mesmo nos ensinou. [...] Estou em paz. O coronavírus pode levar meu pai, mas não pode levá-lo do meu coração!
Terapeuta – E se esta presença falasse, o que diria?
Paciente – Realizei a minha missão, realize também a sua!
Terapeuta – E qual é a sua?
Paciente – Viver a vida com gratidão e dignidade, naquilo que me e nos acontece, naquilo que faço e penso... É o que posso transmitir a minha mãe, aos meus filhos e ao meu marido, a mim mesma...

Uma amiga de 48 anos que administra, na França, uma casa para recuperação de drogados, escreve-me:

Estou tendo uns dias muito difíceis, com pensamentos negativos... quase uma hiper-reflexão,⁸ sem acreditar mais em mim, muito pessimismo começou a

⁶ Palavras de Eugenio Ferri à autora em 21 de março 2020.

⁷ Chiara Algisi, da região de Bergamo, Itália, em 27 de março de 2020.

⁸ “Excesso de atenção e de conscientização na reflexão, que em lugar de facilitar o caminho até uma meta, o inibe, impedindo o sujeito que obtenha a satisfação que deseja e perdendo de vista o seu seu referencial intencional” (GUBERMAN, SOTO, 2005, p. 65).

Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19

tirar a minha paz interior. Acho que não sou capaz de realizar minha missão. Por isso resolvi telefonar para fazermos alguns encontros on-line (sic).⁹

Através do diálogo socrático é possível ajudar o paciente na busca da verdade. Partindo do princípio que não se sabe a verdade – embora ela esteja ali presente no íntimo da pessoa – Sócrates se dedicou à descoberta da verdade através de um estilo de questionamento e diálogo que possibilita “dar a luz” à mesma já existente na pessoa que dialoga. O diálogo a seguir demonstra como um paciente pôde tornar consciente do seu próprio valor como ser humano:

Terapeuta – Se você ficasse surda para esses pensamentos pessimistas, será que escutaria algo diferente, tipo: o silêncio?

Paciente – Escutaria o silêncio dentro de mim...

Terapeuta – Se os pensamentos negativos gritam mais alto, você não vai poder escutar o que tem de mais precioso dentro de você, é uma pena, não é?

Paciente – Tem razão... Viver só com o negativo é insuportável...

Terapeuta – Ainda mais com a transitoriedade da nossa existência... Para você, esta transitoriedade lhe tira o sentido da sua missão?

Paciente – Ah! Isso não!

Terapeuta – Mas se você não chegar aos 49 anos, quer dizer que a sua missão fracassou?

Paciente – Isso também não! Pelo menos em 48 anos vivi o melhor que pude essa missão...

Terapeuta – Como assim?

Paciente – Mudei de país, aprendi outra língua, coloco à disposição a minha escuta, alívio o peso de muitos jovens com histórias tremendas, procuro dar esperança...

Terapeuta – E isso é bom ou é ruim?

Paciente – Claro que é bom!

Terapeuta – E se você faz isso, é o que?

Paciente – Sou uma pessoa realizada!

Terapeuta – Capaz de que coisa?

Paciente – Sou capaz de amar e de ver a dignidade do outro, mesmo se ele errou...

Terapeuta – É isso mesmo?

Paciente – Sim, eu sou essa!

Terapeuta – Mas essa verdade sobre você está sendo abafada pelos pensamentos negativos, eles gritam mais alto, você mesma falou...

Paciente – Não! A minha verdade é mais forte.

Terapeuta – Me diga pelo menos um momento que prova isso.

Paciente – Esta semana eu escutei a história muito triste de alguém e encorajei a pessoa a prosseguir no bem...

Terapeuta – Então isso é mais forte?

Paciente – Sim, faz parte de mim...

Terapeuta – Então, parabéns, que tal ignorar o que é mais fraco?

Paciente – Isso! O tal dos pensamentos ruins, não é! Quando eles chegarem, vou escutar o silêncio...

Terapeuta – Você vai escutar o silêncio para que?

Paciente – Para encontrar a pessoa boa que sou!

Já o relato que se segue demonstra a capacidade humana em se posicionar perante a si mesmo e perante as circunstâncias da vida:

⁹ C.M. (iniciais da paciente) em contato com a autora.

Tenho 39 anos, vivi toda a minha infância e adolescência com a guerra no Líbano, mudando não sei quantas vezes de casa e de cidades e de escolas quando era possível estudar, para poder sobreviver. Hoje sou socióloga e, talvez por causa da incerteza que vivemos a nível mundial, começam a se ativar da minha história momentos de medo que eu pensava já tivessem sido superados. Estou dando um “bem-vindos” a eles! Aprendi a negociar com as minhas defesas, em vez de criticá-las, aprendi a comunicar-me de maneira diferente com elas, primeiro agradecendo e depois dizendo: vocês tentaram me ajudar quanto às minhas partes feridas, mas agora não preciso mais de vocês, vamos refletir! Compreendo que são mensageiros e são uma chance para que eu possa acolher, na minha incerteza, aquela de muitas pessoas. Ajudando a mim mesma, ajudo o mundo inteiro.¹⁰

Por meio da logoterapia, compreende-se que “cada situação é um apelo, primeiro a ser escutado, depois a ser respondido” (FRANKL, 1989b, p. 54). Assim sendo, por um lado a vida questiona, por outro, o ser humano deve sempre responder com responsabilidade. Muitas pessoas me falam que estão redescobrimo valores humanos e universais como a solidariedade, a amizade, a compaixão, e a partilha de coisas materiais e espirituais, a fé, a oração, o valor do sofrimento, do trabalho, da criatividade e do amor. Um jovem me perguntou: “onde está Deus?”¹¹. A resposta que eu lhe dei foi esta:

Deus está ali, naquele moribundo, em isolamento, naquele médico esgotado de tanto fazer atendimentos sem pausas adequadas, naquele parente que não pode acompanhar seu ente querido até o hospital, naquele velhinho sozinho que tem medo. A pergunta hoje talvez seja: “onde estivemos até agora?” e “onde queremos estar agora?”.

E o jovem: “eu talvez estivesse longe do ser humano e talvez até de Deus, mas agora eu quero estar perto do ser humano [...] e talvez por isso fique mais perto de Deus”.¹² Nas palavras de Viktor Frankl, “o amor vê o homem tal como Deus o ‘pensou’” (FRANKL, 1989a, p. 191).

Em minha reflexão pessoal, posso dizer que tenho a impressão de que o ser humano está gritando aquele grito que também Jesus gritou. Para muitos, esta situação é um redescobrir aquela chaga escondida, íntima e, às vezes, mais profunda do que as chagas físicas. Porém, na experiência da fé cristã, não se para no grito. A ressurreição acontecerá. Naquele Deus feito homem que se sentiu abandonado pelo Pai, podemos contemplar o amor de Deus que se derrama sobre o mundo. Esta realidade é, para mim, uma chave de leitura que permite uma nova maturação humana e um percurso em vista da unidade. A situação do COVID-19 é uma enorme chance para nos unirmos. Um colega psicoterapeuta me falou:

Às vezes penso que quase toda patologia é uma fuga do sofrimento. Mas como é tocante quando, no caminho da terapia, a pessoa, indo além de si mesma, não foge mais da dor, mas reconhece sua dignidade nela, acho que isso acontece porque há o terapeuta que age como um pai que sente a criança sofrida do paciente e a “com-prende” (a acolhe dentro de si). Do contato com a verdadeira e autêntica emoção vem o recomeçar, o perdão, a

¹⁰ Z.C. (iniciais da paciente) em contato com a autora.

¹¹ S. D. (iniciais da paciente) em contato com a autora.

¹² S. D. (iniciais da paciente) em contato com a autora.

Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19

compreensão, o contato com o limite; naquele momento eu sinto o sagrado, eu sinto Deus (sic).¹³

Também penso assim. O contato com a emoção verdadeira, provoca uma transformação, uma mudança. E devemos sempre nos perguntar: o que muda quando se muda? Reconhecendo o sofrimento como parte da vida humana, nasce deste contato algo novo; interiormente, renascem valores que estavam adormecidos. Nesse momento, é possível fazer, também, a experiência de uma presença divina no fundo do coração. “Deus é o parceiro dos nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos”, disse Frankl (1992, p. 87).

Uma paciente médica residente na Alemanha¹⁴ e que se aposentou nesse período, tendo atuado muitos anos como anestesista e na medicina paliativa, ao final de um percurso do seu “balanço da vida” fez este desenho (em setembro de 2020), comentando:

Este é o desenho de mim mesma. Se pudesse colocar instrumentos nas mãos, colocaria, pois eu trabalhei na sala de operações como anestesista e tive de me concentrar muito para fazer bem o meu trabalho[,] mas preferi não colocá-los pois, lá no fundo, estamos nus [...]. Ou seja, na essência da vida, mesmo que eu goste de música, harmonia, pintura, poesia e também de instrumentos médicos! Mas aqui [...] estamos na essência [...]. A anestesia naquela época era considerada de menos valor, mas compreendi cada vez mais, que como anestesista eu podia entrar em contato com todas as disciplinas da medicina e ter uma maior compreensão da dimensão somática. Com a medicina paliativa alarguei ainda mais a visão da pessoa humana na sua dimensão espiritual e social. Eu podia ser como um anjo da guarda do paciente, e eu queria desenhar este anjo, que não tem asas, mas possui uma luz à sua volta [...]. Este anjo defende o paciente contra a agressão da cirurgia, deve fazer o paciente acordar ou dormir quando necessário. Acho que fui e continuo sendo realmente um anjo da guarda, mesmo se agora já não trabalhe como médica, porque entrei em pensão [...]. Este anjo permaneceu dentro de mim! O coração é verde porque representa a esperança que a medicina dá; lágrimas e luz saem dos olhos, lágrimas que vão terminar seu caminho na luz, em amarelo [...]. E eu escrevo de um lado e do outro o que o anjo faz e diz: *custodire* (tomar conta) e *ich bin da* (eu estou aqui).

¹³ Salvatore Ventriglia è neurologista, psicoterapeuta, analista transacional, educador e supervisor; sempre foi apaixonado pelo ser humano. Em 2004 fundou o Centro Logos, Centro casertano di Analisi Transazionale. Ele é o diretor da Escola de Psicodinâmica de Psicoterapia Transacional em Caserta, Itália.

¹⁴ M.W. (iniciais da paciente) em contato com a autora.

FIGURA 1 – *ICH BIN BUNT* (SOU COLORIDA)



Fonte: M.W. (iniciais da paciente).

Uma outra paciente, que mora na Suíça¹⁵ e que teve cancer, trabalhando a própria história de vida, fez esta fábula em outubro de 2020:

Uma pedrinha no sapato.

Aqueles foram meus primeiros sapatos de salto, pretos, de verniz e lacinho na frente, sonho de toda adolescente. Mas assim que meus dedos chegaram na ponta se depararam com uma pedrinha. Como é possível que sapatos novos venham com pedras? Acabei de tirá-los da caixa! Um chacoalhão e tudo se resolve. Resolve mesmo? Coloco outra vez e lá estava ela. Mas a alegria era tanta que quase não me importava o seu desconforto. Talvez se tivesse dito a minha mãe, ela teria encontrado uma solução, mas acho que aquilo teria me machucado mais do que carregá-la no meu sapato. Assim que se tornou meu segredo. Com o tempo os meus sapatos mudaram: estilos, cores e saltos diferentes, mas o que nunca mudou foi meu segredo. Era uma pedrinha impertinente, caprichosa e prepotente. Às vezes me incomodava tanto que eu tinha que parar de fazer o que tinha planejado. Me fez até mesmo mudar de parceiros quando durante o baile me pisavam os pés. Um dia, quando tinha dezoito anos pela primeira vez a tomei entre as mãos, mas não tive a coragem de lhe perguntar por que tinha escolhido os meus sapatos e não aqueles de outros. Desde então passaram-se muitos anos. Havia muitas pedras para aplanar ou retirar dos caminhos de tantas pessoas. Não tinha tempo para pensar na minha. Até que circunstâncias diversas convidaram-me a parar. Pude olhar meus pés cansados, meus sapatos usados e, logicamente ela. Com a ajuda de um sapateiro habilidoso, adestrado na linguagem das pedras pudemos conversar. Foi incrível poder ler a minha história no rastro daquela pedrinha. E quanto mais eu entendia, mais ela desaparecia. Chorei muito pela sacralidade daquele momento e mesmo se não creiam, chorei também quando ela foi embora. É estranho caminhar e não senti-la entre meus dedos dos pés. Mas quanto, quanto é bom encontrar no seu lugar uma luz suave que envolve com carinho os meus pés, a minha história passada, o meu presente e dá esperança para o futuro. Ainda hoje continua esclarecedora a pergunta: QUEM FOI QUE LEVOU A QUEM DURANTE TODOS ESSES ANOS? EU, A PEDRINHA NO MEU SAPATO OU ELA A MIM NOS SEUS PROJETOS? Deixo aos leitores a tarefa de encontrar a própria resposta. Eu já encontrei a minha.

¹⁵ C. B. S. (iniciais da paciente) em contato com a autora.

Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19

Acredito que o efeito dessa pandemia será um efeito a longo prazo, pois não será muito fácil voltar à vida normal. O número de vítimas foi e está sendo enorme, portanto, também isso provocou um grande estresse. As mudanças foram muito rápidas e é difícil assimilar e se adaptar a elas, foi difícil confiar no governo e nos políticos e isso é uma tensão extra. Muitos sentem, além do medo, a raiva. Tivemos que fazer uma espécie de psicoeducação e tudo muito rápido, pois de repente tudo mudou.

Dando apoio logoterapêutico a agentes e operadores sanitários, percebi o quanto esta pandemia se manifestou a este grupo de forma inesperada. Muitos dizem que não estavam preparados. Portanto, se pudesse perguntar a Frankl, como viveria ele este tempo de coronavírus, imagino me responderia assim:

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. O que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado, e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação, somos desafiados a mudar a nós próprios. (FRANKL, 2008, p. 101).

Um jovem médico me escreveu comunicando sua experiência com a COVID-19:

Em maio, iniciei o trabalho no Hospital Municipal Pedro I, em Campina Grande, Paraíba, com pacientes criticamente enfermos pelo coronavírus. Na primeira semana de trabalho, me deparei com uma senhora de 70 anos, tabagista de longa data, com desconforto respiratório intenso e refratário à oxigenoterapia oferecida. Enquanto equipe médica precisávamos tomar uma decisão assertiva o mais rápido possível. Sozinha entre dezenas de pessoas com o quadro clínico semelhante, fadigada, insegura, aflita e sem oportunidade de conversar com seus familiares, ela concordou com a intubação. Realizamos o procedimento após duas tentativas, mas cinco minutos depois o seu coração parou. Apesar de um árduo trabalho de ressuscitação cardiopulmonar, declaramos o seu óbito. Foi a primeira paciente que minha competência humana não foi suficiente salvar. Nessa noite, angústia, tristeza e sentimento de impotência tomaram conta de mim. Porém não podia deixar me abater. Ela ficou guardada em meu coração e ensinou-me a pedir a Deus que, enquanto médico, fosse instrumento da vontade dele. No outro dia tinha que estar naquela mesma ala novamente. Existiam outras vidas precisando de assistência. Em seguida fiquei positivo à COVID-19. Superei a doença. Retornei ao trabalho com um renovado impulso, consciente da minha missão no mundo. O dever de um ser humano implica referenciar a um significado e ele com a vida responde aos apelos que esta lhe faz (sic).¹⁶

O que a logoterapia ensina é que o que importa na existência é realizar um sentido. Indubitavelmente o ser humano é um ser para a morte, tendo em vista que esta é uma condição da vida. Mas, perante a finitude emerge a vontade de encontrar um sentido também nos momentos trágicos, como no sofrimento e na finitude.

¹⁶ Artur Filipe de Oliveira Carolino de Melo, médico formado pela UNIFACISA, Campina Grande, Paraíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A logoterapia continua despertando as pessoas aos valores vivenciais, criativos e atitudinais, a prevenir e restituir a harmonia da saúde psíquica, e a dar um contributo para a renovação do modo de pensar humano no sentido de conduzir-nos a uma vida autotranscendente. Constata-se que, com o processo de adoecimento nos tempos atuais, a questão do sentido da vida e da morte emergem com maior força e significado. Em situações-limite, o ser humano torna-se mais consciente do seu Deus inconsciente, como um bálsamo para acalantar o espírito humano, conforme expressou tão bem um psicólogo nos campos de extermínio nazista: “*et lux tenebris lucet*, e a luz resplandece nas trevas” (FRANKL, 2008, p. 59). Mediante o sofrimento emergente, o ser humano é convocado a mudar a si mesmo para melhor; por meio desse processo, torna-se possível transformar o mundo em um lugar mais belo na vivência de valores transcendentais. Assim, conclui-se que a espiritualidade e o sentido da vida podem ser elementos fundamentais para a transformação do *homo paties* para o *homo amans*. ✨

REFERÊNCIAS

- FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.
- FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 29. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.
- FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Quadrantes, 1989a.
- FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida: Santuário, 1989b.
- FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamento sobre o sentido**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GUBERMAN, Marta, SOTO, Eugenio Pérez. **Diccionario de logoterapia**. Buenos Aires: Lumen Humanitas, 2005.
- KOENING, Harold. Ways of protecting religious older adults from the consequences of COVID-19. **American Journal of Geriatric Psychiatry**, Pittsburgh, v. 28, n. 7, p. 776-779, jul. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jagp.2020.04.004>>. Acesso em: 24 out. 2020.
- KRÖEFF, Paulo. Finitude e sentido da vida. **Jornal da Universidade**, 9 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/finitude-e-sentido-de-vida/>>. Acesso em: 26 out. 2020.
- LUKAS, Elisabeth, EBERLE, Michael M. **Tudo tem seu sentido – reflexões logoterapêuticas**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1993.

Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19

LUKAS, Elisabeth, WURZEL, R. **Pandemie und psyché: wege zur stärkung der seelischen immunität.** München-Zürich-Wien: Verlag Neue Stadt, 2020.

MAYLAND, Catriona R, HARDING, Andrew, PRESTON, Nancy, PAYNE, Sheila. Supporting adults bereaved through COVID-19: a rapid review of the impact of previous pandemics on grief and bereavement. **Journal of Pain and Symptom Management**, Chicago, v. 60, n. 3, p. 33-39, ago. 2020. Disponível em: < <https://www.jpmsjournal.com/action/showPdf?pii=S0885-3924%2820%2930388-2>>. Acesso em: 23 out. 2020

MUNSTER, Vincent J., KOOPMANS, Marion, DOREMALEN, Neeltje, RIEL, Debby, VIT, Emmie. A novel coronavirus emerging in China: key questions for impact assessment. **New England Journal of Medicine**, Massachusetts, v. 382, n. 8, p. 692-694, fev. 2020. Disponível em: <<https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMp2000929>>. Acesso em: 22 out. 2020.

PFEFFERBAUM, Betty, NORTH, Carol. Mental health and the COVID-19 pandemic. **New England Journal of Medicine**, Massachusetts, v. 383, n. 6, p. 510-512, ago. 2020. Disponível em: <<https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMp2008017>>. Acesso em: 20 out. 2020.

SCORSOLONI-COMIN, Fábio *et al.* A religiosidade/espiritualidade como recurso no enfrentamento da COVID-19. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, São João del-Rei, v. 10, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2020. Disponível em: <<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3723/2459>>. Acesso em: 20 out. 2020.

SILVA, Maria da C. Q. dos S. *et al.* O processo de morrer e de morte de pacientes com COVID-19: uma reflexão à luz da espiritualidade. **Cogitare enfermagem**, Curitiba, v. 25, n. 1, p. 1-8, jul. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.73571>>. Acesso em: 19 out. 2020.

Recebido em: 31/10/2020.

Aceito em: 05/12/2020.